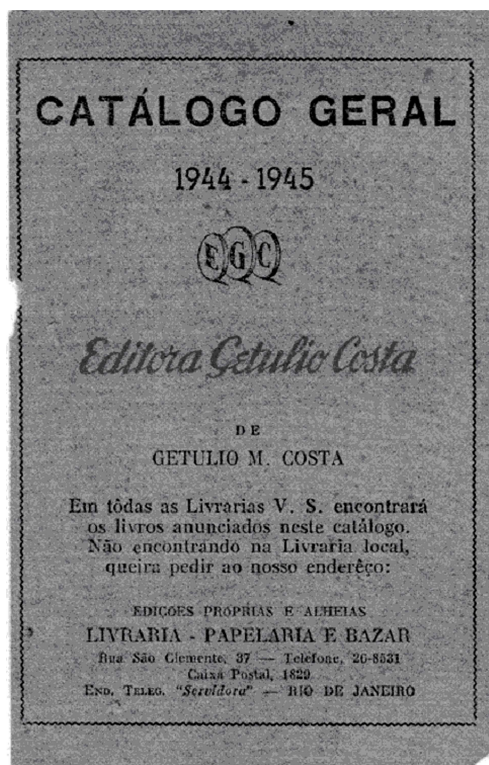


## *Lembrança de Getúlio Costa*

Sérgio de Moura Santos

As páginas seguintes foram inspiradas pela saudade e pelo desejo de reverenciar a memória do editor Getúlio Costa, um homem que sempre esteve à frente de seu tempo, que foi um pioneiro na publicação de livros no Brasil e um divulgador do espírito libertário e fraterno, isento de preconceitos e dogmatismos religiosos. Um homem que adorava viver e gostava de ensinar otimismo e generosidade. Vivemos num país sem memória; apesar da sua importância na história do movimento editorial brasileiro na primeira metade do século passado, seu nome é praticamente desconhecido nas publicações que tratam do assunto. Numa das poucas obras sobre o nosso movimento editorial<sup>1</sup>, Getúlio Costa aparece citado apenas quando da venda da Livraria Civilização Brasileira, por ele fundada, além de uma segunda vez, quando fundou a Editora Getúlio Costa.

As notas desta reminiscência são fruto da convivência familiar - Getúlio era meu tio - além de escritos e documentos deixados por ele, mas sobretudo de uma entrevista que Antonio Amoni Prado e eu gravamos com ele em Niterói, em 8 de setembro de 1978. De resto, elas não seguem uma ordem rigorosa; foram suscitadas por lembranças dispersas, às quais vieram se juntando outros registros e informes de parentes e amigos, entre os quais destaco - e agradeço - Diva Santos, Lúcia Vitória Goldoni, Luiz Carlos de Moura Santos, Wilfredo Carlos dos Santos, Irineu Furtado (pela colaboração decisiva na elaboração do texto) e Fussae Takamine, minha esposa, pelo apoio e todo o incentivo.



Getúlio Moreira da Costa nasceu em Caçapava-SP em 19 de janeiro de 1900. Filho de Benedito Moreira da Costa e Ana Rosa de Oliveira, por muito tempo pensou que nasceria no primeiro ano do séc.XX, até que um amigo lhe disse que 1900 era o último ano do séc. XIX. E isso se deu quando ele tinha 76 anos. Após mudar-se para a cidade do Rio de Janeiro, passou a comemorar o aniversário no dia 20, porque era feriado municipal, dia de São Sebastião e data da fundação da cidade. Por isso, a maioria de seus amigos achava que seu aniversário era a 20 de janeiro. Seus pais achavam que ele deveria ser padre, devido a seu temperamento. Coursou até o terceiro ano primário (primeiro grau) no Colégio Ruy Barbosa, em sua cidade natal. Foi sua única instrução formal. Sua descrição, conforme Declaração de Baixa do Serviço da Força Pública do Estado de São Paulo, era “cor branca, cabelos louros, olhos castanho -claros, altura 1m62” (aos 19 anos).

“Em 1912, minha família foi para São Paulo. Trabalhei em vários setores do comércio e da indústria (inclusive como carregador de caminhões e nas Indústrias Reunidas F. Matarazzo, como funileiro) A crise aumentava.( ... ) Em 1914 a Guerra Mundial. ( ... ) A família volta para Caçapava ( ... ) miséria em toda parte, trabalho nenhum. 1915, voltei para São Paulo, sem emprego. Fui autorizado pelo meu pai a assentar praça no Primeiro Batalhão da Força Pública (atual Polícia Militar do Estado de São Paulo).” Já na polícia lia muito, freqüentava a biblioteca do Corpo-Escola, onde servia. Era o soldado de número 144 e ali chegou a ficar detido por 4 dias, por não prestar continência a um cabo, que anteriormente era seu amigo. No Corpo-Escola participou da representação de uma dramatização de *I Juca Pirama*, de Gonçalves Dias. Representou o índio tupi aprisionado pelos timbiras. Durante a greve de 1917 foi destacado para patrulhar a “porteira do Brás”, onde teve um entreviro com os grevistas. Também dava plantões no necrotério da Central de Polícia, tendo, inclusive, muitas vezes se oferecido para substituir colegas que não gostavam daquele serviço e lhe pagavam para isso. Deu baixa em 24 de dezembro de 1919, no posto de cabo.

“Devo fazer referência - nos disse ele na entrevista - que desde os 14 anos, tinha paixão pela leitura, esta vontade de ler levou-me a vários conhecimentos, todos os gêneros, desde o romance, livro de cordel, até obras de filosofia. Até hoje, devo ter lido mais de 6000 obras, de cabo a rabo, da lombada até a última linha.” Deixando a Força Pública, trabalhou algum tempo como funileiro na Repartição de Águas e Esgotos de São Paulo, emprego que seu pai lhe arranjava.

Em 1920 empregou-se como balconista na Livraria Paulicéia. O proprietário importava livros editados em Portugal e meu tio lia todos. Ele abria as caixas e guardava os livros nas prateleiras e, toda semana, levava um livro para ler. Nessa época leu toda a obra de Coelho Neto, Guerra Junqueiro, Júlio Dantas. Só não apreciava Teófilo Braga. Lá conheceu Monteiro Lobato e Octales Marcondes Ferreira, com quem trabalharia mais tarde. Depois de 4 anos desentendeu-se com o proprietário, saiu e “nunca mais fui empregado de ninguém”.

Em 1924, ainda em São Paulo, fundou a Editora Popular. Com um capital muito baixo, só publicou pequenas obras. A obra de maior dimensão (física), com 96 páginas, foi um romance, *Sepultura de Ferro*, de Henrique Conscience. Nessa época conheceu Benjamin Costallat, seu grande amigo por toda a vida, que possuía uma editora no Rio de Janeiro. Getúlio vendia seus livros em São Paulo.

Ainda em São Paulo, quando irrompeu a Revolução de 1924, foi preso e acusado de antigovemista por haver publicado o livro do general Abílio de Noronha, *Narrando a Verdade: contribuição para a história da revolta*, que vendeu mais de 11 mil exemplares apenas na cidade de São Paulo e em Santos. Getúlio esteve preso numa delegacia na rua 7 de Abril. Essa obra foi muito discutida pelos políticos e militares e chegou, na época, a ser considerada um atentado à liberdade de expressão. O livro foi publicado por

O sucesso dessa obra granjeou-lhe a admiração de Monteiro Lobato e Octales Marcondes Ferreira, fundadores da Companhia. Editora Nacional, que lhe ofereceram um emprego de representante comercial para todo o Brasil, com ótima remuneração. Getúlio não aceitou, alegando que ganharia muito mais trabalhando por conta.

Monteiro Lobato chamou-o novamente para propor-lhe uma sociedade com Orlando Rocha, jovem erudito e poliglota, recém-chegado dos Estados Unidos. Formou-se a sociedade com o nome de Editora Rochea (a razão social era Getulio Costa & Cia.). Publicaram e venderam muitos livros.

Ainda durante a revolução de 1924 houve um deputado no Rio de Janeiro (na época capital federal), que da tribuna fazia discursos inflamados contra o governo. Seu nome era Arthur Caetano da Silva. Meu tio recortou os discursos, que eram publicados no Diário Oficial, e os publicou com o nome de *O povo contra a tirania*. Compôs capa com papel vermelho e desenvolveu intensa propaganda. Foi preso novamente. Ficou 31 dias detido na Central de Polícia. Lobato, quando soube da prisão, escreveu ao chefe de polícia, seu amigo Roberto Moreira, pedindo a soltura dele, por quem se responsabilizaria. A resposta foi negativa, mas a gratidão de Getulio foi eterna.

Em 1926 houve uma grave crise de abastecimento de energia elétrica em São Paulo. Anteriormente Monteiro Lobato escrevera uma carta a Washington Luís, pedindo clemência aos revoltosos de 1924. Em represália, Carlos de Campos suspendeu toda a compra de material tipográfico que Monteiro Lobato fornecia ao governo do Estado de São Paulo. Lobato havia importado moderno equipamento gráfico e devia muito. Com a suspensão das compras do governo, importante fonte de receitas, Lobato foi à falência. Getúlio Costa, que estava ligado a ele, teve de pedir concordata.

\*\*\*

Casou-se em 1928 com Gilda dos Santos. No final do mesmo ano, nasceu sua primeira filha Alzira Rosa Costa. Em 1930 nasceu seu segundo filho, Wilfredo, que morreria em 29 de dezembro desse mesmo ano, devido a grave enfermidade. Getulio havia conquistado tantos amigos que o enterro de seu filho-bebê foi acompanhado por verdadeira multidão. Segundo os registros da família, até o magnata Rizkallah Jorge, proprietário da Casa da Bóia e de vários imóveis, inclusive o apartamento em que Getúlio morava, foi dar-lhe os pêsames para grande surpresa sua.

Mas dizem que desgraça pouca é bobagem. No dia seguinte ao enterro, realizado em 31 de dezembro de 1930, sua esposa teve uma crise grave de apendicite e precisou ser internada. No primeiro dia do ano de 1931, ela submeteu-se à cirurgia. Na noite de *réveillon*, enquanto os vizinhos soltavam fogos de artifício, Getúlio disparou vários tiros de revólver para o ar; queria “matar aquele ano”. Ele estava desorientado e resolveu mudar-se para a cidade do Rio de Janeiro.

Octales Marcondes então pagou a parte de Getúlio, concedendo desconto de 40% sobre os livros da Companhia Editora Nacional. Já no Rio, Getúlio fundou a Livraria Civilização Brasileira (firma individual Getulio Costa). O nome foi sugerido por sua esposa Gilda Costa. Trouxe a representação da Companhia. Editora Nacional. Meses

depois a livraria vendia tanto que Octales foi visitá-lo para dizer-lhe que a Editora não poderia ficar fora e propôs a constituição de uma sociedade anônima, com capital de 100 contos de réis, 52 contos da editora e 48 contos de Getulio. Em junho do mesmo ano, os negócios cresceram tanto que o capital foi elevado para 500 contos de réis.

Novamente manifestou-se o gênio inquieto e empreendedor. “Um dia - ele conta na entrevista -levantei-me e disse: Vou para a Bahia. Fui e abri uma filial da Civilização Brasileira.” Quando Octales Marcondes Ferreira soube, chamou Getulio a São Paulo e exigiu que a agência fosse transferida para a Companhia Editora Nacional. Getulio concordou. Mas a Nacional não se agüentou com essa filial e a vendeu para J.Guignone. Quando este morreu, a livraria voltou ao controle da Civilização Brasileira.

\*\*\*

Em 1934 foi preso mais uma vez por ter publicado *Acuso*, de João Neves da Fontoura. Permaneceu detido com outros presos políticos no Grupo Escolar do Méier, no Rio de Janeiro. “Choveram pedidos para minha liberdade”, ele lembra. Paulo Setúbal, que estava no Rio, levando sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, usou de sua influência para livrá-lo, mas a essa altura ele já havia sido libertado. Minha tia, de posse de uma declaração de algum amigo influente, foi procurar o chefe de polícia. Havia uma grande fila de mulheres que buscavam notícias dos maridos, presos políticos. Ali ela ouviu a seguinte explicação do chefe de polícia a uma senhora da fila: “Escute, minha senhora, seu marido não foi preso. Já procurei em todos os registros. Tem havido muitos casos de homens que declaram estar presos para darem suas escapadas.” A mulher, não muito convicta, foi-se embora. Quando chegou a vez de minha tia, disseram-lhe que Getúlio também não foi localizado, porque já fora liberado algumas horas antes. E o chefe então lhe disse. “Olhe, minha senhora, acho que é o mesmo caso da mulher anterior”.

Curioso é que, quando voltava da detenção para casa, Getúlio encontrou com um amigo que estava de viagem para Portugal. E então, lhe disse: “Vou com você, vá comprar uma passagem para mim.” Por essa razão, correu o boato de que ele havia sido deportado. Chegando em casa, informou a minha tia sobre sua decisão. Ela ficou muito irritada. “Como? Você estava preso até agora e vai para Portugal?” Getúlio, então, deu-lhe a resposta que sempre dava quando não queria ser incomodado: “Olha, faça de conta que eu morri. Se eu morresse, você não teria que cuidar da vida sozinha? Só que assim é melhor, eu não morri de fato. Qualquer dia eu volto.”

Em Portugal fundou a editora Livros do Brasil, principalmente com publicações da Nacional e da Civilização Brasileira. Outro fato curioso: em Portugal ele quis lançar uma coleção da Nacional que tinha muito sucesso no Brasil: a “Coleção das Moças”, mas houve reprovação, porque em Portugal (ao menos na época) *moça* era sinônimo de prostituta. A coleção foi então relançada com o título de *Coleção das Raparigas*. Viajou também pela então África Portuguesa, fazendo divulgação dos livros brasileiros.

Voltou ao Brasil após oito meses. Encontrou um ambiente hostil, fomentado, segundo ele, por Lindolfo e Plínio, respectivamente, irmão e cunhado de Octales

Marcondes, que não suportavam seu espírito independente, empreendedor e arrojado. Resolveu então deixar a Civilização Brasileira, recebeu 200 contos de réis, em espécie e em livros, muito abaixo do que teria direito realmente.

Viajou depois à Argentina, onde conheceu Osvaldo Orico. Impressionou-se com o requinte dos cafés de Buenos Aires e, na volta ao Rio, decidiu abrir um estabelecimento com a qualidade dos portenhos. Fundou o Café e Sorveteria Ypiranga. Não foi feliz, gastou todos os recursos e voltou ao ramo dos livros. Fez um contrato com a Editora Católica, onde ganhou muito dinheiro. Mas seu espírito liberal e agnóstico não se coadunava com o dogmatismo católico. Os livros tinham de receber o “imprimatur”. Tentou publicar uma edição brasileira da Bíblia. Dirigiu-se ao Cardeal do Rio de Janeiro, propôs sua idéia, mas Sua Eminência não autorizou, alegando que não havia um número suficiente de padres habilitados a fazer a revisão.

Em 1938 adquiriu a Editora Católica e daí surgiu a Editora Getulio Costa. Ficava na Rua São Clemente, 37 - Botafogo. “Mas eu levei desvantagem, porque muitos autores me levavam no papo, eu tinha pena deles e publiquei muitas obras que não venderam. De cada cinco publicações, uma vendia bem”, ele recorda. Em verdade, a sorte bateu à sua porta e ele não atendeu, como da vez em que, anos antes, seu amigo Augusto Frederico Schmidt o apresentou a um jovem pernambucano, que trazia um “calhamaço” nas mãos e queria publicar. Getulio achou que a obra não venderia e recusou-se. A obra chamava-se “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre, depois convertida no grande clássico da sociologia brasileira.

Mas no catálogo geral da Editora Getulio Costa de 1944-1945 constam obras de autores importantes: Alceu Amoroso Lima, Gustavo Barroso, Ribeiro Couto, Jorge de Lima, José Ingenieros, José Cândido de Carvalho, Viriato Correa, Benjamin Costallat, Serafim da Silva Neto, Osvaldo Orico, Malba Tahan (pseudônimo de Julio César de MeIo e Souza), Irene de Albuquerque, Orlando Mendes de Moraes, José Pereira da Silva, Nelson de MeIo e Souza, Marques Leite, A. Tenório d’ Albuquerque, além de várias traduções. Há aproximadamente 190 títulos, todos com um pequeno resumo e o preço. É todo entremeado de exortações à leitura e da necessidade de se criar o hábito de ler.

Getúlio Costa sempre viveu à frente de seu tempo. Foi pioneiro na edição de livros, principalmente na cidade de São Paulo. Nas duas primeiras décadas do século XX, havia apenas duas editoras importantes na cidade, e ambas tinham sede no Rio de Janeiro: a Editora Paulo de Azevedo (Livraria Francisco Alves), especializada em livros didáticos, e a Casa Garraux, bem mais eclética. Ele teve uma intensa atividade editorial entre 1920 e 1950, ora editando por sua própria conta, ora ao lado de Monteiro Lobato e Octales Marcondes Ferreira, na Companhia. Editora Nacional; fundando a Civilização Brasileira, no Rio de Janeiro, com uma filial em Salvador, e a Livros do Brasil, em Lisboa, as três adquiridas pela Nacional posteriormente. Ele ia à frente, inaugurava novas editoras, sofria críticas dos sócios e da família. Mas elas progrediam e acabam incorporadas por outras. Foi editor de grandes poetas, tais como Jorge de Lima, Ribeiro Couto e Benjamin Costallah; de Malba Tahan (pseudônimo de Julio César de MeIo e Souza), autor do *best-seller* na época *O homem que calculava*, além de inúmeras obras de matemática e contos



do mundo árabe; Gustavo Barroso, Hildebrando de Lima, Tenório de Albuquerque, José Cândido de Carvalho, Plínio Salgado, etc.

Afastando-se do mundo editorial, em 1950, Getúlio inaugurou em Niterói a *General Radio Television*, primeira loja a vender aparelhos de televisão na cidade e uma das primeiras a implantar o crediário em eletrodomésticos.

Nos últimos anos de sua vida, dedicou-se aos estudos psicológicos (sempre como autodidata) e à fisiologia do sistema nervoso. Tais estudos reforçaram suas teorias sobre a negligência que há em nossa educação (formal e informal) sobre os condicionamentos positivos. Sempre via uma ação castradora da iniciativa e do desenvolvimento integral na educação familiar, escolar, e, sobretudo, religiosa. Esboçou uma obra para reestruturar essa pedagogia do fracasso e até enviou-me os originais para que eu tentasse publicá-la (eu era professor da rede estadual na época). Mas problemas de vária ordem, inclusive os meus próprios condicionamentos “negativos”, na linguagem dele, não o permitiram. O discípulo não esteve à altura do mestre.

“Sou o homem mais feliz do mundo!” Esta a frase que sempre repetia, mesmo nos momentos da mais profunda dor, como na morte da filha (Alzira) e da esposa (Gilda). Era realmente o homem mais otimista, generoso e compreensivo que encontrei em minha vida. “Felicidade é compreensão”, sempre repetia. Quando Ribeiro Couto aposentou-se do cargo de embaixador da antiga Iugoslávia, ainda nos tempos de Tito, de quem era grande amigo, escreveu uma carta a Getúlio, avisando da volta. Getúlio administrava uma propriedade de Ribeiro Couto na barra da Tijuca, chamada de Sítio Toco do Caxinguelê. Ficava na Estrada da Barra da Tijuca, 1638, onde Getúlio costumava passar os fins de semana. Até a década de 1960, era uma região rural, semideserta, com muita mata, restingas, lagoas e rios límpidos.

Na carta, Ribeiro Couto dizia que sentia muita falta do *otimismo contagiante* de Getúlio e fazia planos de viagens, encontros, pescarias, etc. Getúlio morava em Niterói. Na época ainda não fora construída a ponte Rio-Niterói. Todo o transporte, inclusive o de automóveis, caminhões e ônibus, era feito por balsas (Eram três frotas: a Cantareira, com barcas movidas a vapor e grandes rodas laterais; a frota Carioca e a frota Barreto, com balsas mais modernas movidas a diesel. Meu tio e sua família costumavam passar o fim-de-semana no sítio. Para fugir às grandes filas que se formavam para as balsas de carros nos sábados, ele carregava o carro e fazia a travessia na sexta à noite e o estacionava junto à estação de barcos na Praça Quinze, no Rio de Janeiro. Depois voltava com a barca de passageiros. No sábado de manhã, eles atravessavam com a barca de passageiros, pegavam o carro e partiam para o sítio.

Mas o escritor-embaixador não voltaria vivo ao Brasil: faleceu em Paris, onde vivia sua esposa, que não suportava o frio e a vida culturalmente mais pobre de Belgrado. Meu tio ficou extremamente desgostoso, dizia que era como se lhe tivessem quebrado as pernas.

Numa época de crise econômica pelos anos 60, o Sr. Teodoro, sócio de Getúlio, na *General Television*, sugeriu que Getúlio demitisse alguns vendedores, porque outras lojas do ramo estavam fazendo isso, para cortar despesas. Getúlio respondeu: “Não, esta

é a oportunidade de conseguir melhores vendedores, mais motivados. Vamos procurar contratar alguns desses demitidos, que forem de boa qualidade.”

Quando completou 50 anos, convidou seus amigos com a argumentação: “Se você soubesse que eu morri, você largaria tudo para vir ao meu enterro?” A resposta sempre era “Claro”. “Então, você fica dispensado de vir ao meu enterro, mas exijo que você venha ao meu aniversário”.

Foi um autodidata. Estudos regulares só fez até a 3ª série do primeiro grau. Possuía uma erudição espantosa, devido à grande quantidade de leituras que fazia. Lia sobre todos os assuntos, mas sua preferência recaía sobre a filosofia (podia dissertar sobre as principais correntes filosóficas, desde Sócrates até Hegel, Marx e Engels. Leu toda a obra do filósofo inglês Bertrand Russel, publicada em português. Foi dele que pela primeira vez ouvi sobre “O Capital”, que ele lera integralmente, acredito. Na realidade, ele fundou sua própria filosofia. Era agnóstico. Fazia sempre referência ao imponderável. Sua filosofia era a crença no progresso constante da humanidade. Jamais se lamentava da vida. Mesmo nos momentos de crise, via os aspectos positivos, como nas guerras, na bomba atômica. Jamais aceitou a teoria de Malthus sobre a incapacidade de o homem produzir alimentos suficientes no futuro. Jamais aceitou teorias apocalípticas. Achava que no final, a humanidade sempre caminhava para um futuro melhor. Era tolerante.

Quando mais convivi com ele, da década de 60 à de 80, havia um pessimismo generalizado pelo mundo, com a guerra fria, a corrida armamentista, a crise de Cuba, as ameaças de guerra nuclear, a guerra do Vietnã etc. Ele jamais alimentou a mínima crença na possibilidade de um conflito global entre o Ocidente e os socialistas. Lera, também, a História Universal de Will Durant, publicada no Brasil pela Companhia Editora Nacional. Posteriormente ela foi publicada pela Record. Foram cerca de 30 volumes e chegavam somente à Revolução Francesa. Leu também integralmente várias enciclopédias, inclusive a Barsa e uma famosa na década de 30, chamada *Tesouro da Juventude*. Também era assíduo leitor de biografias, entre elas as de Henry Ford, Winston Churchill, Barão de Mauá e Juscelino Kubitschek, de quem era admirador. Talvez a última que leu tenha sido a do Almirante Doenitz, comandante nazista que presidiu a Alemanha, por uns poucos dias após o suicídio de Hitler e assinou a rendição.

Isso sem esquecer que ele sempre foi um incentivador da leitura. Lia diariamente, sobre todos os assuntos. É verdade que evitava as leituras “pessimistas”. Quando, certa vez, meu irmão Luís Carlos, representante da Companhia Editora Nacional, presenteou-o com vários livros, ele recusou os de Josué de Castro, um grande pesquisador brasileiro, especializado na miséria do Nordeste (entre suas obras principais estão *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*). Afirmou que eram obras muito pessimistas. Também desdenhava do Padre Malthus, que afirmava que a produção de alimentos crescia em progressão aritmética e a população crescia em progressão geométrica. Getúlio, com sua fé inabalável na Ciência, antecipou em pelo menos 30 anos, muitas das conquistas modernas. Dizia: “Não haverá falta de alimentos. No futuro, a gente colocará uma pílula num copo de água e ela se transformará numa refeição completa”. Sem dúvida que meu tio estava errado a respeito, mas não totalmente. Voltando a seu aspecto incentivador da leitura, ele sempre oferecia os livros lidos, que vinham sempre com muitos grifos e as anotações

marginais. Dizia que o livro deveria circular, e que é um vício acumulá-los em casa. Deve-se ler, fazer anotações e cedê-los a quem se interessar. Quando recebia visitas, sempre comentava suas leituras, perguntava ao visitante o que este estava lendo. Achava que somente através da leitura o ser humano poderia realizar suas potencialidades.

Nos seus catálogos, sempre havia mensagens sobre a importância da leitura. Como aparece no seu catálogo 1943-1944 (pág. 6)

A leitura é uma necessidade imperiosa para os civilizados. É um hábito que aparece quando se estimula a curiosidade do público. A classe dos leitores, embora pequena, existe em todas as localidades brasileiras. E tende a aumentar com os esforços dos livreiros, e a propaganda intensa, principalmente entre os jovens.

De certa forma era um positivista, pois alimentava a crença mais radical na ciência. Não seguia nenhuma religião ou crença. Seu deus era o cérebro. “Somos escravos de nosso cérebro”. Acreditava que no cérebro estavam nossas capacidades, habilidades, virtudes e defeitos, enfim, nosso destino. Não havia como mudar radicalmente essa situação inata (“neurônios truncados”). Sua grande erudição, sua capacidade de comunicar-se e sua simpatia e seu otimismo explicam (além de sua atividade editorial) a convivência com a elite intelectual da época, que freqüentava sua casa. Convivia com quase todos os acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, da época.

Conviveu também com um grande médico alemão, radiestesista e bacteriologista, Dr. Orto Schwartzmeyer, que efetuava consultas no apartamento de meu tio tio, em Niterói. Num determinado dia da semana, ele prestava atendimento ali. Havia algum entrave que o impedia de ter consultório (não sei se algo ligado à sua vida anterior na Alemanha). Mas ele era bacteriologista do Instituto de Manguinhos. Fazia diagnósticos através da radiestesia, que era a aplicação de um pêndulo sobre uma folha de sulfite na qual o paciente pressionava com a mão direita. Seu tratamento era através de vacinas, que ele mesmo produzia. Em sua casa, ele fazia a cultura dos microorganismos.

Getúlio sabia falar e sabia ouvir, conversava com crianças, trabalhadores simples, domésticas, com o mesmo prazer com que conversa com as grandes figuras da época. Sua conversa prolongava-se por horas. Quando conversava com alguém, olhava fixamente nos olhos do interlocutor; não interrompia, não demonstrava impaciência. Mas não apoiava lamentações, desculpas, negativismo, maledicências. Quando o assunto escasseava ele propunha o jogo de “21 de boca”. Ele também jamais falava palavras de baixo calão, não xingava, não blasfemava, jamais se queixava da vida. Nunca atribuiu suas dificuldades a outras pessoas ou à sorte.

Em seus últimos anos de vida, sofria do mal de Parkinson, suas mãos tremiam muito e não tinha firmeza nas pernas. Para não depender de auxílio alheio, fixou cordas por toda a casa com as quais podia erguer-se e locomover-se. Havia cordas penduradas na cabeceira da cama, pelas paredes do quarto, corredor, banheiro, próximas ao vaso sanitário, próximas do chuveiro, etc. Mas isso não o fazia infeliz.

Ele não só pregava o otimismo, ele o vivia integralmente. Nunca fazia críticas, a não ser com intuito construtivo, não era maledicente, não colocava obstáculos, ou dizia sim, ou dizia não, mas não se esquivava, não adia, não dava desculpas. Explicava a



grosseria ou violência ou abusos dos outros como distúrbios mentais (neurônios truncados) ou maus condicionamentos. Achava que a sociedade como um todo (pais, familiares, escola, meios de comunicação, religião) criava condicionamentos negativos de pessimismo, fanatismo, desculpas, procrastinação, inveja. Todos eles altamente perniciosos e que impediam a plena realização material e espiritual (psicológica) do ser humano. Pregava uma transformação na pedagogia para que se enfatizasse o lado otimista e positivo. Foi um homem extremamente empreendedor, tendo criado ou participado da fundação de grandes empresas, mormente no campo editorial; participou da Companhia Editora Nacional, da Livraria Civilização Brasileira, da Livros do Brasil (em Portugal), da Editora Getulio Costa, da General Radio Television, em Niterói. Juntamente com Osvaldo Orico, lançou o serviço de reembolso postal no Brasil.

\*\*\*

Por volta de 1950, Getúlio encerrou a editora. “A Editora Getulio Costa acabou - ele explica - porque eu estava com o duodeno muito inflamado, princípio de úlcera, de modo que à menor contrariedade, eu me descontrolava, dizia impropérios e os autores tinham até medo de mim.”

Em 1948, fizera uma sociedade com um rapaz chamado Essen e puseram o nome de Editora Conquista. “Mas a crise do duodeno continuou e dois meses depois tivemos uma discussão e encerramos a sociedade. Os livros voltaram todos para minha casa. Em 1949 fiz outra sociedade com um homem chamado Mandarino, que tinha uma tipografia.” Brigou com ele também, e os livros voltaram novamente para casa. Finalmente abandonou o ramo editorial. Os livros foram vendidos a peso, Cr\$ 0,20 o kg. Foram quatro ou cinco caminhões cheios de livros, para reciclagem. Cerca de 30 toneladas.

Então, mudou-se para Niterói e iniciou-se no negócio dos eletro-eletrônicos. A televisão surgira havia pouco no Brasil. Adquiriu de Clarimar Maia a filial de Niterói de uma loja de eletrodomésticos chamada “A Televisão”, cuja matriz era na cidade do Rio de Janeiro. Getúlio com seu aguçado senso de marketing, decidiu alterar o nome para *General Radio Television*. Era na rua São Pedro, 17 no centro de Niterói. A rua era chamada de “rua do lá vem um”, porque poucas pessoas passavam por ela. Foi a primeira loja a vender televisores em Niterói. Era bem perto de seu apartamento na Av. Amaral Peixoto, no nono andar, e dele se tinha uma bela vista para a baía de Guanabara.

Mas seus problemas gástricos continuavam e as preocupações do cargo pioravam o quadro. Então, em 1965 ele vendeu a empresa e ficou com uma pequena loja, a “Galeria Teodoro”. Nessa época ele morava com a esposa e uma doméstica chamada Eugênia, numa casa na Travessa Cadete Xavier Leal nº 46, uma casa muito agradável, com um jardim na frente, entrada lateral para carro no lado esquerdo e no lado direito uma calçada ladeada de vegetação. No fundo havia um quarto de empregada, um alpendre e um frondoso abacateiro, sob o qual havia uma rede permanentemente estendida, onde meu se embalava enquanto conversava com os visitantes. Ao lado direito havia uma formação rochosa sobre a qual estava a arquibancada de um estádio de futebol, o Niteroiense. Passava seus dias lendo, escrevendo e começou a pintar. Pintou numerosos quadros, que

presenteava a quem demonstrasse interesse. Eu e meus irmãos possuíamos alguns. De-sejava pintar um Cristo alegre, não sei se o fez. Era sempre visitado por amigos e vizinhos.

Getúlio Costa sempre foi um homem generoso. Uma tarde, já aposentado, descansava em sua rede sob um abacateiro na casa da Travessa Cadete Xavier Leal, em Niterói. Bateram no portão. Foi atender, eram dois policiais e um homem que vestia só bermuda e chinelos de dedos. Os policiais perguntaram a Getúlio se não dera pela falta de um rádio e outros objetos. Meu tio disse que sim, e os policiais informaram que aquele homem os furtara. Pediram que ele os acompanhasse ao distrito para fazer a queixa. Entretanto, Getúlio dirigiu-se ao marginal: - “Por que você está usando só calção e chinelos? Está frio”. O homem respondeu que não usava porque não possuía outras peças de vestuário. Getúlio, então, pediu licença aos guardas, entrou em casa e voltou com uma calça e uma camisa e as deu ao meliante. E não foi dar queixa.

Ele sempre se referia à generosidade de seu mais dileto amigo, Ruy Ribeiro Couto. Contava que uma vez dirigiam-se para o sítio em Jacarepaguá no carro do escritor. Na estrada, pouco movimentada na época (década de 1950), uma humilde senhora negra atravessou na frente do carro, ocasionando uma forte freada e sobressalto nos três. Ribeiro Couto desceu do carro e repreendeu a infeliz. Depois, voltou e seguiram. Dirigiu por uns 50 metros, parou o carro, deu ré e parou junto da mulher. Retirou da carteira uma nota de 50 cruzeiros e lhe deu.

Em 1977, visitei-o no seu aniversário, 19 de janeiro, conforme costumava fazer. Passei alguns dias com ele e ele quis visitar o túmulo de seu grande amigo, Benjamin Costallat, sepultado na ilha de Paquetá. Meu tio emocionou-se muito. Foi no dia 22 de janeiro, data que ficou gravada porque nela morreu a grande cantora Maysa Matarazzo, num acidente automobilístico sobre a Ponte Rio-Niterói. Foi pela tardezinha, quando voltávamos ao Rio pela balsa e passamos sob a ponte, mais ou menos no mesmo horário.

Em 1978, no dia 29 de dezembro, um golpe, a morte da esposa Gilda, que possuía numerosos problemas de saúde. Na maioria das vezes locomovia-se numa cadeira de rodas. Fomos ao enterro eu e minha ex-esposa. Foi a primeira vez que viajei de avião. Ele estava inconsolável. Mitigava a dor ingerindo grandes quantidades de uísque.

Getúlio não suportava a ausência da esposa e decidiu mudar-se para um apartamento no bairro de Icaraí, Rua Mariz e Barros, 128, apartamento 1502. Doou a maior parte de seus bens, inclusive telefone. Ainda perturbado pela dor, desfez-se de patrimônio que poderia proporcionar-lhe um melhor final de vida. A mesma doméstica Eugênia ainda o servia. Não sei se morava com ele. Nesse apartamento fomos visitá-lo, Arnoni, Irineu, Luís Carlos e eu, quando ele completava 80 anos. Fizemos uma viagem muito interessante pelo trem Cruzeiro do Sul, que saía da Estação da Luz, em São Paulo, às 21 horas, e chegava à estação Pedro II, no Rio, às 9 horas do dia seguinte. Passamos a maior parte do tempo nos vagões-bar e restaurante.

Logo depois, Getúlio comprou um imóvel para Eugênia num bairro popular de Niterói, que chamavam de favela, mas que era muito diferente das do Rio e de São Paulo de hoje em dia. Era em rua plana, asfaltada, feita de alvenaria, com arejamento. Apenas a área não era regularizada, comprava-se apenas o imóvel, não o terreno. Pertencia à

Fundação Leão XIII. Eugênia vinha cuidar de meu tio diariamente já num outro imóvel, alugado. Finalmente, com poucos recursos, ele acabou por ir morar na favela, na casa de Eugênia.

Tempos depois desentendeu-se com Eugênia e foi morar num asilo público em Niterói. Era um lugar desagradável, sem higiene, sem condições adequadas para os internados. Idosos nus desfilavam pelo pátio. Nesse asilo fui visitá-lo quando completou 84 anos. Pateticamente descobri que ele esfregava no corpo o medicamento que deveria ingerir e ingeria o que deveria passar no corpo. Não demonstrava a menor tristeza, conversamos, rimos. À tarde amigos trouxeram um bolo e cantamos parabéns. Foi a última vez que o vi com vida. Em 11 de julho de 1984 veio a falecer de pneumonia num hospital de Niterói. Reuniu-se à esposa e à filha no cemitério de Maruí nessa cidade. No túmulo, a citação de Malba Tahan, tão repetida por Getúlio: “A morte é o sinal de igual na equação da vida.”

#### *Notas*

<sup>1</sup> Lawrence Hallowell. *O livro no Brasil*. São Paulo: T.ª Queiroz, 1987. pp. 277-78.

<sup>2</sup> Monteiro Lobato. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959 apud Lawrence Hallowell, op. Cit., p. 273.